

a chama



REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO



O TEATRO
RESISTE NO
SÃO VICENTE



Joka

Faleceu no dia 26 de novembro o Coordenador de Multimídia do Colégio, João Carlos Rodrigues Gomes, o Joka. Um dos Funcionários mais antigo do Colégio, começou como monitor, quando ainda era estudante, a convite do Pe. Migdon. Graduou-se em Engenharia Elétrica e Eletrônica pela PUC-Rio e chegou a trabalhar algum tempo na Petrobras, mas seu amor pelo CSVP o trouxe de volta. Assumiu, a convite do Pe. Almeida, a Coordenação Comunitária do São Vicente entre 1988 e 1995, junto ao Pe. Migdon, e organizou diversos campeonatos e excursões com os Alunos, além de ter sido responsável pela criação da rádio Democústica, que funcionou por alguns anos no Colégio. O Colégio São Vicente dá o seu saudoso adeus ao amigo Joka, desejando paz e compreensão para os familiares e amigos.

a chama

Revista editada pela Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo

Ano XLIII Nº 94
Novembro/ 2016

Rua Cosme Velho, 241 - Cosme Velho - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22241-125
Telefone: (21) 3235-2900 e-mail: revistachama@csvp.g12.br

Supervisão Editorial: Pe. Maurício Paulinelli e Tulio Vasconcellos

Reportagem: Rodrigo Prestes

Edição de Textos: Rosa Lima

Revisão: Pe. Maurício Paulinelli e Marlene Duarte

Projeto gráfico e Produção Editorial: Christina Barcellos

Fotos: arquivo CSVP, arquivo Ernesto Picollo, arquivo Adriana Coutinho, arquivos ex-alunos do teatro, Simone Fuss, Sergio Cardoso, Kim Capillé, Letícia Romanholli, Reynaldo Zangrandi e Dalton Valério.

Distribuição interna e venda proibida

Tiragem: 2 mil exemplares

Jornalista Responsável: Rosa Lima - Mtb: 18640/RJ

DIRETORIA DA APM

Presidente: Carlos Diniz Marques Campos e Flavia Fioruci Bezerra

Vice-Presidente: Simone Fuss Maia da Silva e Angelo Maia da Silva

Relações Públicas: Tulio Vasconcellos e Sheila Ornellas Guimarães

Secretária: Lucia Carvalho Coelho e Fernando José Rodrigues

Tesoureira: Verônica de Gusmão Mannarino e Alvaro Kilkerry Neto

Representante dos Professores: Jéssica Moura Dias Campos

Assistente Eclesiástico: Pe. Agnaldo Aparecido de Paula

Conselho Fiscal: Neuza Miklos/ Álvaro Barbosa de Carvalho, Marlene Martins Duarte/Ronaldo Souza Soares, Sheila O. Guimarães/ Flavia F. Bezerra

Secretário da APM: Edevino Panizzi

SUMÁRIO

2 CAPA
QUATRO DÉCADAS DE
ENCENAÇÃO

12 ONTEM E HOJE

**14 TRANSFORMADOR
SOCIAL**
ERNESTO PICOLLO E
O PALCO SOCIAL

16 APM
FOTOS VENCEDORAS
DO III CONCURSO
FOTOGRAFICO
PE. LAURO PALÚ

**20 AÇÃO
PEDAGÓGICA**
VIRTUDES VICENTINAS:
SIMPLICIDADE

22 NOTAS

**24 FORMANDOS DE
2016**

EDITORIAL

Peço licença a você, leitor, para invadir este espaço e em vez de falar a respeito de A Chama 94, que conta sobre a trajetória do teatro no Colégio, falar um pouco sobre fazer parte do Colégio São Vicente de Paulo.

Em 1978, frequentava os Saraus do “São Viça”. Que astral, que ambiente! Adorava aquilo!! Queria ter estudado ali.

Em 2000, matriculava meu mais velho no São Vicente! Visita para conhecer o colégio, guiada pela inesquecível Marlene Blun. Era uma covardia com os outros colégios. Cinco anos depois o mais novo também estava matriculado. As festas juninas, Feiras de Linguagem, Feiras de Ciências... Como era bom estar novamente naquele ambiente!

Em 2012, Pe. Lauro me convida para uma reunião: formação da chapa para a Diretoria da APM. Pensei que, como pais, todos temos alguma observação a fazer sobre o Colégio e o ensino. Vi então a oportunidade de participar e contribuir de alguma forma para o São Vicente. Foi minha chance de “fazer parte do São Viça”. Obrigado, Pe. Lauro!

Formamos um grupo de desconhecidos, que se uniu por um objetivo comum: apoiar o colégio e fomentar as atividades extra-classe. Despeço-me da participação na Associação onde aprendi muito e ganhei amigos, amigos de longa data!!

Em 2013, essa Diretoria assumiria ao mesmo tempo que o novo Diretor do Colégio. Como Diretor Social, fiquei incumbido de coordenar a publicação da revista A Chama. Ao apresentar o nosso projeto para a revista, Pe. Agnaldo me responde com palavras do mais puro incentivo: “Tenho certeza que vocês farão um excelente trabalho.” Obrigado, Pe. Agnaldo!

Um prazer as reuniões de pauta, na biblioteca, nesses quatro anos com Christina Barcellos, Rosa Lima e Rodrigo Prestes, a afinadíssima e competente equipe de A Chama. Muito bom trabalhar com vocês! Um agradecimento muito especial ao Panizzi, secretário da APM, a quem costumo chamar de nosso “anjo da guarda”, sempre olhando por tudo na Associação.

Nos 16 anos acompanhando a formação dos filhos, acabei participando de alguma forma do Colégio São Vicente de Paulo. Tive, também eu, a oportunidade de aprender e de fazer grandes amizades!

Missão Cumprida!

Túlio Vasconcellos

Diretor Social da Associação de Pais e Mestres

CAPA: ALUNO JOSÉ PAULO, NA PEÇA “MENINOS DA RUA PAULO”, EM 2015, FOTO SIMONE FUSS. SIMONE, VICE-PRESIDENTE DA APM, TAMBÉM É AUTORA DA FOTO DA MESMA PEÇA NA PÁGINA 2.

QUATRO DÉCADAS DE ENCENAÇÕES

*Professores,
Alunos e ex-Alunos
homenageiam a
atividade extraclasse
mais antiga do Colégio
relembrando suas
histórias sobre a
importância do teatro*

As luzes se apagam no auditório e quase não se ouve nada, só a respiração dos espectadores, ansiosos pelo que poderá acontecer. Um celular desliga aqui, alguém tosse acolá, uma pessoa se arruma na cadeira. No grupo que lota a sala encontram-se avós e primos, pais e irmãos, mães e amigos daqueles que já já estarão sob holofotes nos fazendo rir, refletir e chorar. É mais uma peça que se inicia no Colégio São Vicente de Paulo. Mais uma dentre as dezenas e dezenas que já foram encenadas desde 1973, quando pela primeira vez foi registrada a presença do teatro no Colégio.

Apesar desse primeiro registro isolado, o teatro começou de fato como atividade extracurricular no São Vicente em 1975, quando o ex-Professor Almir Telles iniciou o trabalho com seu grupo Calabouço. O nome foi retirado da primeira peça de peso que o auditório do Colégio recebeu, inspirado em músicas do compositor popular Sérgio Ricardo. O sucesso foi tão grande, que o grupo apresentou a peça por dez dias consecutivos, com o auditório sempre lotado!

Daí para frente, foram 26 anos de Calabouço, trabalhando temas como a Lei Áurea, a defesa do meio ambiente e a influência da Igreja na luta pela liberdade política. “Tive sorte de dar aulas para muitos jovens brilhantes que hoje estão aí disputadíssimos pelo mercado”, conta Almir. “O São Vicente foi um dos primeiros colégios a levar a sério essa ferramenta educacional que é o teatro, e posso dizer que foi uma experiência sumamente enriquecedora participar desse processo.”

Em 1987, o ensino de teatro no São Vicente se expandiu do então 2º Grau e segundo ciclo do 1º Grau para as 1ª a 4ª séries do 1º Grau (hoje Fundamental), com o Professor Lauro Basile. Desde então, todas as séries e anos do Colégio têm acesso ao ensino extraclasse de teatro. E foram tantos aprendizados nesses quase trinta anos de teatro infantil, que Lauro não contém sua gratidão:

“O São Vicente foi e é uma grande Escola para mim. Posso dizer que o Professor que me tornei, devo em parte à formação dada por minha família e aos meus estudos e, em parte ao São Vicente. Compreender e atuar nas funções de Professor, Educador e Formador, com uma visão crítica da realidade e buscar a justiça foi a semente que o Colégio plantou e procuro semear-la junto aos Alunos com quem tenho contato”, diz ele.

Dando aulas há tantos anos para crianças pequenas, Lauro já viu muitas mudanças Alunos mudarem para melhor com o teatro. E melhor ainda é quando o testemunho vem de outros Professores que dizem frases como: “Aquele Aluno era tímido demais e se soltou com o teatro”; “a gente nem ouvia a voz dele quando lia uma redação que escreveu”; “hoje ele é outra criança”. Além disso, muitos ex-Alunos das mais diferentes áreas como jornalismo, advocacia e medicina voltam para relatar que a ajuda do teatro foi fundamental para eles exercerem sua profissão e se relacionarem com as pessoas à sua volta.

Um Colégio que valoriza a arte

Desde 2011 no São Vicente, a Professora de teatro dos 6º, 7º e 8º anos, Joana Cabral, que chegou inclusive a ter aulas com Almir Telles na Casa das Artes de Laranjeiras (CAL) na mesma época em que ele lecionava no São Vicente, diz sempre ter admirado o modo como o teatro era e continua sendo valorizado no colégio.

“Em primeiro lugar, o São Vicente é um Colégio que entende a arte como algo essencial para a formação do Aluno. Esse é o grande diferencial. O Aluno vicentino convive com a arte no cotidiano da escola. No caso do teatro, mesmo que ele não faça o curso, que é extra, ele com certeza assistirá algum espetáculo teatral, fazendo assim parte de um trabalho de

formação de plateia. O teatro ecoa nas diferentes áreas do saber dentro do ambiente escolar”, diz Joana.

Essa também é a opinião da Professora Ana Brasil, que trabalha com os Alunos do 9º ano e Ensino Médio. Segundo ela, foi no São Vicente que pode fazer um mergulho profundo no ensino de teatro para jovens, que a inspirou inclusive a buscar seu mestrado e posteriormente seu doutorado em teatro, atualmente em curso.

“No Colégio São Vicente encontrei um espaço onde posso desenvolver plenamente e com toda a liberdade tudo que aprendi em teatro. Além de toda infra-estrutura, material e financeira, o Colégio me dá um espaço de liberdade artística, sem coerções ideológicas.”

Ao longo de sua trajetória no CSVP, Ana montou textos como “A Aurora da minha vida” (2011), de Naum Alves de Sousa, “Ascensão e queda da cidade de Mahagonny” (2012) e “A Vida de Galileu” (2014), ambos de Bertolt Brecht, dentre vários outros. Em suas montagens, a Professora e diretora experimenta caminhos estéticos diferentes que perpassam o realismo, a farsa, o teatro político, o teatro poético e o circo.

“Procuramos sempre aproveitar ao máximo o talento de nossos Alunos. Em todas as minhas encenações, eles tocam ao vivo, dançam e cantam. O teatro, como uma arte complexa, nos permite desfrutar de todas as demais artes cênicas e aproveitar os Alunos em todas as suas capacidades. Assim, o Colégio São Vicente de Paulo me parece, sim, um espaço privilegiado para o desenvolvimento da Educação Artística e o desenvolvimento crítico e criativo dos seus educandos.”

Um ensaio para a vida

Esse desenvolvimento crítico e criativo pode ser observado em cada um dos Alunos que participa ou participou do teatro no Colégio. Em alguns casos, mais do que isso, foi o teatro que ajudou a organizar e orientar a vida de muitos jovens que não se sentiam bem no São Vicente. Foi o caso do

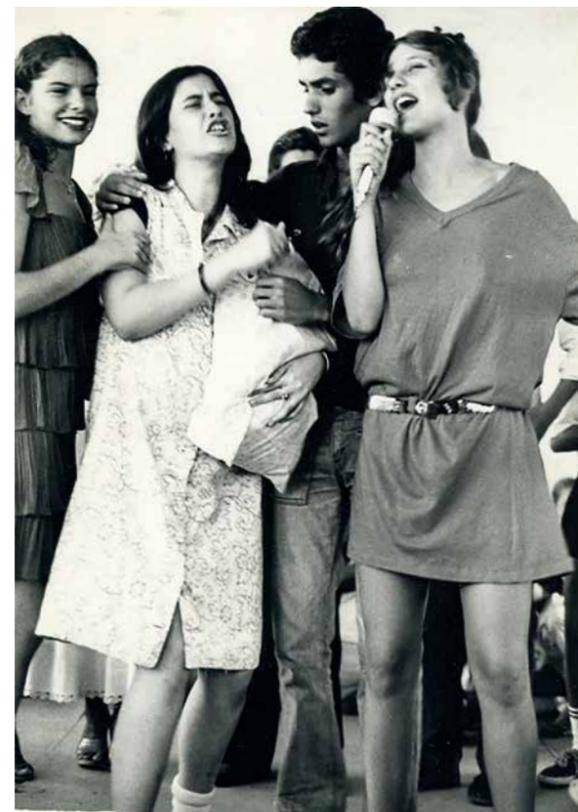
Abaixo, peça *O Burguês Fidalgo*, em 2013. Na foto maior, em 2006, *A Ópera do Malandro* foi apresentada junto com o coral regido por Patrícia Costa. Na foto, o elenco e o coral juntos no palco para os agradecimentos



FOTO MINICAPULE



FOTO ARQUIVO CSVP



No alto da página, o grupo Calabouço em dois momentos. Ao centro e à direita, o Professor Almir Telles. Acima, Deborah Bloch e Fernanda Torres na rádio-novela que encenava críticas à ditadura, à censura e à Rede Globo. Ao lado, Fernando Sabino como general Figueredo chegando a cavalo para posse.



“Tive sorte de dar aulas para muitos jovens brilhantes que hoje estão aí disputadíssimos pelo mercado”

Almir Telles,
ex-Professor de teatro



FOTOS CEDIADAS POR EX-ALUNOS PARA O ARQUIVO DO COLÉGIO

ex-Aluno Rafael Kritski, que conclui sua licenciatura em Ciências Sociais na Universidade Federal Fluminense (UFF) este ano, e para quem o teatro foi decisivo em sua trajetória acadêmica.

“A participação no grupo de teatro e a dedicação no processo me conectaram ao Colégio de uma maneira mais completa. No Ensino Médio, tive uma relação ruim com a sala de aula; me atrasava todos os dias e tinha problemas com algumas disciplinas. O teatro, como uma atividade que corria por fora da formalidade, me permitiu reconstruir a relação na escola tanto no sentido prático, participando não só do grupo, mas abrindo portas para outros espaços como o projeto CPF (Construindo e Preparando o Futuro), como num sentido mais simbólico, possibilitando a construção de um olhar mais amplo sobre as possibilidades do espaço escolar”, conta Rafael.

Não é de se estranhar, já que, de acordo com a Professora Joana Cabral o teatro desenvolve as habilidades essenciais para o desenvolvimento do indivíduo. A seu ver, as artes cênicas potencializam e aprimoram a auto-estima, a expressão vocal e corporal, a observação, a escuta, o respeito e a valorização das diferenças. A Professora Ana Brasil complementa:

“O teatro é uma arte completa que se apropria de todas as demais. Nele, o artista experimenta diversas formas de exposição. O intelecto, o corpo e a voz são investigados ludicamente através do canto, da dança, do texto e da expressão plástica. Além disso, o teatro é uma arte coletiva que nos permite aprender a conviver com o outro e respeitá-lo. Enfim, o teatro pode ser compreendido como um grande ensaio para a vida, no qual sempre podemos nos preparar e nos experimentar para melhor enfrentá-la.”

E um ensaio para a vida especialmente para aqueles que optaram por seguir carreira nas artes dramáticas, como o ex-aluno Henrique Juliano, que se formou em 2012 em Interpretação Teatral pela UNIRIO. Hoje ator com peça em cartaz, e tendo participado inclusive do longa-metragem brasileiro “Helena”, Henrique conta que apesar de ter conhecido o teatro antes de entrar para o São Vicente, foi o teatro do Colégio que deu o empurrão que faltava para sua decisão de se tornar ator.

“O teatro no São Vicente é diferente porque tem história, porque o Colégio oferece estrutura para que se faça e produza teatro por ali. Entre outros motivos, graças ao templo que é o nosso auditório. O São Vicente tem cultura de teatro, já formou muita gente boa. Estimula seus Alunos a pensar através do cinema, do teatro, da música, do desenho, enfim, das artes e de muita coisa que tira a cabeça do senso comum, do quadrado, do purismo da realidade”, afirmou.

Dentre alguns dos nomes de dramaturgos cujas peças já passaram pelos palcos do São Vicente estão Peter Weiss, William Shakespeare, Antonin Artaud, Chico Buarque, Thornton Wilder, Ariano Suassuna, Clovis Levy, Bertolt Brecht, Jean Tardieu e Cláudio Botelho. E, embora seus textos já sejam conhecidos há muitos anos, cada grupo e cada montagem traz seus desafios e suas linguagens. É o que conta Joana Cabral:

“Embora eu trabalhe com diversas técnicas para o desenvolvimento do trabalho teatral, cada turma, cada grupo que se forma é único. A prática teatral exige que cada um contribua na forma de pensar e de se expressar. Cada grupo, aos poucos, descobre a sua própria característica e juntos, através de exercícios e ensaios, trilhamos um caminho diferente.”

E é essa exigência de contribuição que tanto motiva e instiga os Alunos a se dedicarem de corpo e alma aos ensaios, às montagens, à leitura exaustiva do texto proposto. É o que deixa na alma dos ex-Alunos a semente que os faz retornar e nos Alunos que estão na Escola a vontade de fazer cada vez melhor. Porque quando as luzes se apagam e o terceiro sinal já tocou, quem está atrás da coxia sabe: é hora de ensaiar para a vida.



FOTO RENEALDO ZANGRANDI

Acima, o espetáculo *Alice!* com os Alunos do 6º ao 8º anos. Na página seguinte, ao alto, a Prof. Ana Brasil ensaiando com o grupo e num intervalo no auditório. Ao centro, a Prof. Joana Cabral na Manhã Literária deste ano. Embaixo, a apresentação de *O Velho, a menina e o burro* e o Prof. Lauro Basile com o elenco de *A Bruxinha que era boa*



FOTO LETICIA ROMANHOLI



FOTO CRISTINA BANCELLOS



FOTO ARQUIVO CSVP



FOTO LETICIA ROMANHOLI

“No Colégio São Vicente encontrei um espaço onde posso desenvolver plenamente e com toda a liberdade tudo que aprendi em teatro”

Ana Brasil, Professora de teatro do 9º ano e Ensino Médio



FOTO ARQUIVO CSVP


Kim Capillé, 23 anos, ex-Aluno

Com o teatro abri novas portas para outras amizades. O teatro servia como um certo refúgio da vida acadêmica corrida, principalmente quando cheguei no terceiro ano. A arte em si tem essa capacidade. Depois de uma semana cheia de provas, trabalhos e aulas, o teatro na sexta trazia paz, nos fazia focar em outra coisa. Muitos dizem que no teatro não fazemos nós mesmos, fazemos personagens, por isso que é fácil perder a timidez. Mas na verdade a cada personagem que fazemos, descobrimos mais e mais das nossas próprias características sentimentais, físicas, e aprendemos a aceitá-las como nossas qualidades e não como nossos defeitos. A vida futura não são apenas números, palavras, contas, fatos e notas: também são gestos, olhares, silêncios, sons etc. Isso não aprendemos em uma sala de aula, isso aprendemos no palco.

Rafael Kritski, 23 anos, ex-Aluno

É necessário combater a concepção - e prática cotidiana - de escola como local de preparação de mão de obra para o mundo do trabalho. Como dizia o mestre Paulo Freire, combater o "ensino bancário, que considera a cabeça dos educandos como mero receptáculo de conhecimentos". Nesse sentido, é fundamental garantir que as escolas tenham espaço para as disciplinas secundarizadas como Sociologia, Filosofia e Educação Física e Artística de maneira geral. O teatro se insere nesse contexto e é uma das ferramentas que temos para possibilitar que a escola seja um espaço de construção coletiva, no qual os alunos e alunas não estejam na posição de objetos, mas de sujeitos constitutivos e igualmente responsáveis pelo mesmo.


Afonso Malecha, 21 anos, ex-Aluno

A combinação Grêmio e Teatro figuram entre as lembranças mais positivas da minha vida escolar. Vejo-os como duas faces da mesma moeda: a Política e a Arte são parte constitutiva de mim até hoje e isso é a cara do São Vicente. Da creche ao 3º ano do Ensino Médio fiz aulas de Teatro. Sinto que durante esse tempo conquistei muito mais que desinibição, boa capacidade de expressão ou alguma dimensão de sensibilidade artística. Aprendi nesses anos o poder transformador da Arte. O palco é um lugar seguro para experimentação. Ali, podemos criticar, transgredir, reformar, revolucionar e construir o mundo que sonhamos ter. Se o diploma do São Vicente pode me conferir o título de "agente da transformação social", então posso dizer com certeza que ensaiei e pratiquei essa transformação nos palcos.


Miguel Serpa, 18 anos, ex-Aluno

O teatro é um ambiente no qual você pode se permitir uma redescoberta de si mesmo. Ele nos tira da nossa zona de conforto, trazendo experiências novas maravilhosas. Eu sempre fui tímido, mas sempre adorei teatro, acho que justamente por ser o lugar onde se pode ser você e não ser você ao mesmo tempo, onde as suas máscaras e barreiras caem e você pode ver o outro de igual pra igual, e assim vai redescobrir a si mesmo e às outras pessoas ao seu redor, trazendo as pessoas mais próximas umas das outras. O teatro une as pessoas. Naquele momento em que você está improvisando uma esquete, ou passando uma cena, você se sente companheiro da pessoa e a pessoa de você. Esse momento de redescoberta de si mesmo, de se sentir próximo do outro, um momento no qual você pode relaxar e deixar todas as suas camadas caírem, é essencial para nossa formação.



FOTO: RHM CAPILLÉ

Os três anos que passei no grupo "Calabouço" foram de profunda transformação, tempos de verdadeiro aprendizado. Pela primeira vez, a escola adquiriu um sentido maior na minha vida, pois o teatro trazia novo significado a tudo. A presença do Almir dava o tom e comandava toda essa vivência. Anti-professor por excelência, por seu jeito de ser, por seu pensamento, ele terminava por se tornar o maior mestre: fazia a gente gostar de ser aluno.

Cláudio Botelho
(ex-aluno, músico e ator profissional)

Fernanda Chazan, 18 anos, Aluna da turma 3ºC

Teatro não é só lazer, como muitas pessoas acreditam. Teatro é cultura, é política, é informação. E é fundamental para uma escola. No teatro se aprende a conviver com todo tipo de gente, a trabalhar em equipe, a pensar logicamente, a saber seu lugar no espaço. Ajuda na timidez, nas habilidades orais e de leitura e desenvolve senso crítico. E nem é só isso. É um prazer imensurável e acredito que todos precisem fazer alguma aula pelo menos uma vez na vida. Artes plásticas, música, teatro, são todas aulas essenciais para a formação de alunos que o São Vicente preza. Com certeza não seria tão feliz quanto eu sou se não tivesse conhecido o teatro.

Isabela Rescala, 21 anos, ex-Aluna

O teatro da escola mudou absolutamente tudo. Acho que entrar lá foi uma das escolhas mais bem acertadas da minha vida. Não só me influenciou no caminho profissional como foi um fator fundamental para formar a pessoa que sou hoje. Acho que o que mais me alegrava era ver o potencial transformador que o teatro tem. Era incrível ver como algumas pessoas realmente desabrochavam, se descobriam durante as aulas. Ter a oportunidade de estudar teatro em uma escola é algo realmente maravilhoso, pois o teatro, além de ser uma arte absolutamente coletiva, nos inspira a desenvolver o autoconhecimento. É uma força transformadora que nos torna capazes de inspirar e criar. Tanto quem faz quanto quem assiste teatro pode ser transformado e pode vir a se tornar um agente modificador de sua realidade.



Henrique Juliano, 27 anos, ator, ex-Aluno

As aulas de teatro no Colégio são fundamentais para desenvolver os sentidos críticos e estéticos, para ajudar a formação de um caráter que esteja diretamente envolvido com as relações humanas, o convívio social, o ceder, o jogar, o respeito ao outro e a compreensão de que dependemos uns dos outros. Além disso, estar ligado ao teatro é desenvolver a sensibilidade, a capacidade de leitura, apreender entrelinhas e ironias, se doar física e psicologicamente a um momento, aos companheiros, ao público. Sabendo que, ao sair dali, o cotidiano volta a ser o mesmo. Diversos desses ensinamentos, mesmo que não aplicados ao ofício teatral futuro, certamente formam seres humanos melhores, mais solidários, autoconfiantes, críticos e sensíveis. E que, provavelmente, se autoconhecem melhor depois de fazerem teatro.

“Calabouço” foi minha porta. Minha máscara, o teatro. O resto eu não sei.

Moacyr Góes
(ex-aluno e diretor teatral)

Maria Aguiar, 14 anos, Aluna da turma 902

O teatro te dá a oportunidade de ser quem você não pode ser no dia a dia, no teatro você faz coisas que não se pode, você encanta uma criança e emociona um adulto, você se coloca exposto para que os outros possam aproveitar. O teatro não é só saber atuar, para atuar é necessário interpretar o texto, criar uma movimentação, além de ser, para alguns, a porta de entrada para outras coisas, como para a escrita ou para dança. Além de ensinar como colocar em palavras seus pensamentos e ensinar a falar em público, algo muito necessário hoje em dia, ensina a se expor e a trabalhar em grupo, por meio dos exercícios e do coletivo para a apresentação final. Você aprende não só a falar, mas a escutar e saber a hora que se deve ou não falar.



FOTO RETNALDO ZANGRANDI

Andreza Bittencourt, atriz, 39 anos, ex-Aluna

O teatro ampliou completamente minha visão de mundo, comecei a entender a vida por vários pontos de vista diferentes, conheci artistas fundamentais para minha formação, fui ganhando confiança e segurança para me conhecer e me inserir no mundo e principalmente a me tornar uma pessoa mais generosa, pois o coletivo é sempre mais importante que o individual quando trabalhamos com teatro. A escola que oferece a disciplina de teatro está comprometida com a formação integral de seu aluno, está preocupada em formar um aluno crítico, informado e mais do que isso, um cidadão com consciência da importância do pensamento coletivo.

Ana Brasil, Professora de teatro

“Educar é desinstalar, romper barreiras, colocar o Aluno em contato com o mundo e consigo mesmo. Essas ideias norteiam o educador comprometido com a vida e o trabalho com Arte na Educação tem esse dever: o de levar o Aluno a um processo de autoconhecimento e expressão. No São Vicente eu pude fazer um mergulho profundo no Ensino do Teatro para jovens. Foi a partir da experiência com as aulas que resolvi procurar meu aperfeiçoamento no Mestrado e agora no Doutorado em Teatro. A relação com os alunos durante esses anos me deu a certeza da importância do Teatro na formação dos jovens e da imensa responsabilidade do professor de Teatro. Tenho com os Alunos do São Vicente uma relação de grande carinho e respeito. Eu aprendo muito com eles. Os alunos me desafiam a cada aula a ser uma pessoa melhor.”

A experiência com o Almir foi muito importante para mim. O Almir faz parte da minha escola de teatro, da minha formação de ator. Eu devo muito a ele pelo trabalho e pela paciência que teve comigo (eu acho que eu era um ator muito rebelde). Se hoje eu estou dando certo profissionalmente, se eu apresento um trabalho de qualidade, o Almir divide tudo isso comigo. Eu falo isso sinceramente.

Marcos Palmeira
(ex-aluno e ator profissional)

Sofia Magalhães, ex-Aluna, Cenografia e Indumentária UNIRIO

O grupo de teatro Zadregos foi para mim muito mais do que aquele respiro em meio ao caos que é o Ensino Médio. Foi a minha preparação para o que seria a minha carreira, a minha profissão, foi aquilo que não me deixou ir por outro caminho sem ser o teatro. Ser artista de teatro não é fácil na sociedade em que vivemos. Se tornar um, mais difícil ainda, pois falta incentivo, falta valorização. Mas dentro do São Vicente é diferente. Lá eu me senti mais do que incentivada a seguir por esse caminho, a buscar me dedicar àquilo que amo. Obrigada, São Vicente, pelo apoio à arte e pela valorização dos seus alunos artistas. Obrigada pelas memórias lindas que eu guardo de cada montagem que já fiz nesse auditório, e obrigada por me fazer quem eu sou hoje.



FOTO ARLEIVO GSP

Paula Rosa, 23 anos, ex-Aluna

O teatro me fez aprender a conviver em coletivo. Como filha única, nunca tive a oportunidade diária de dividir um espaço e um projeto com outras pessoas como pude ter no teatro. A aproximação com pessoas muito diferentes de mim, já no teatro do ensino médio, e outras formas de visão de mundo com certeza contribuíram muito para minha formação como pessoa. O teatro do São Vicente me deu voz e me deu a chance de falar e lutar por ele. O teatro me trouxe diferentes grupos de amigos, diferentes perspectivas de vida, uma aproximação com a cultura e a arte, e a oportunidade de me entender melhor. Vivi experiências muito especiais com o teatro do São Vicente. Acho importantíssimo que todas as crianças deste país tenham a oportunidade de conviver em grupo, criar, sonhar e aprender a valorizar a cultura dentro de uma aula de teatro. É impossível sair o mesmo dessa experiência e gostaria que outras crianças pudessem ter o privilégio que eu tive.

ONTEM E HOJE



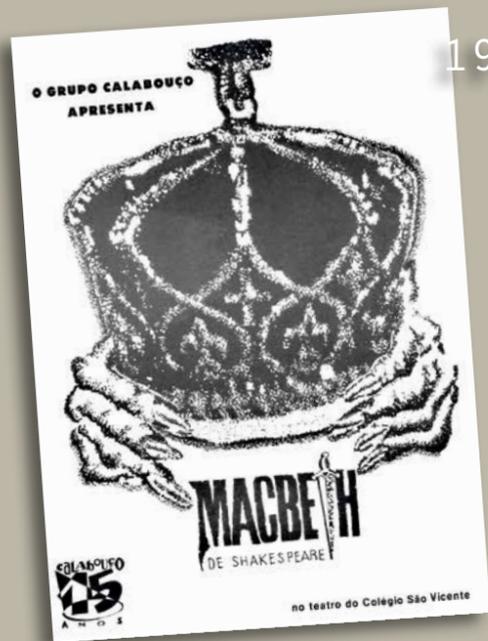
1982

ARQUIVO CSVP



1987

ARQUIVO CSVP

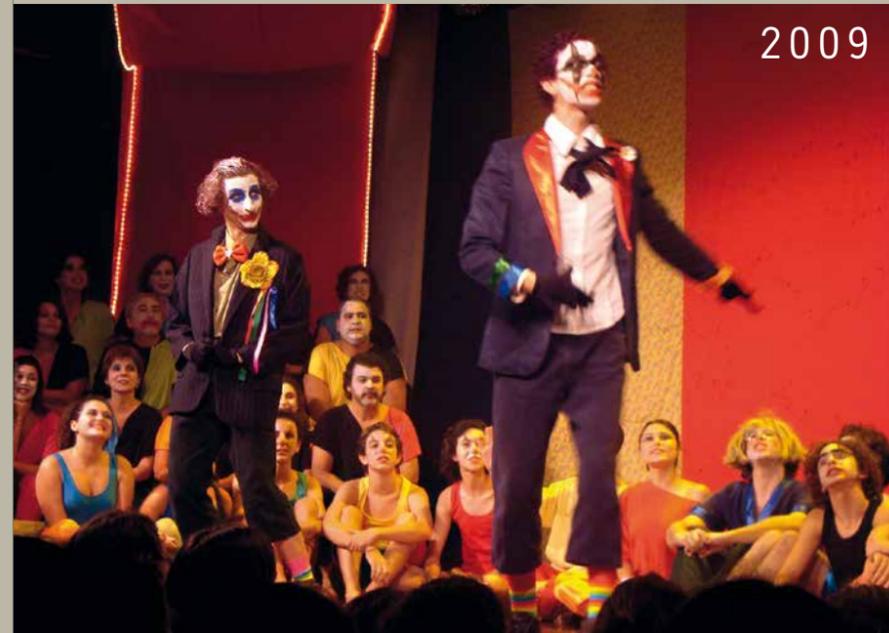


1990



1999

ARQUIVO CSVP



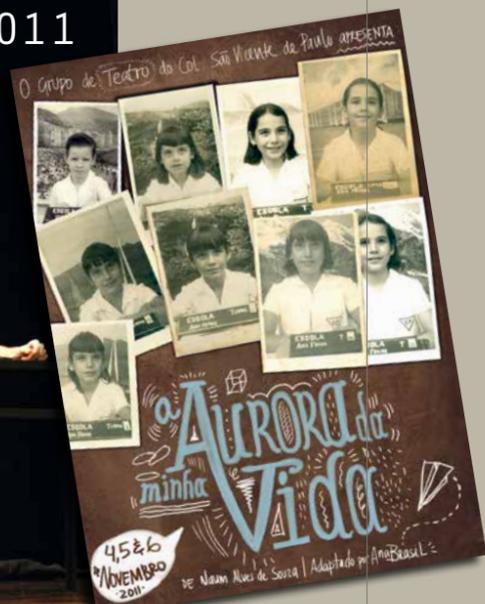
2009

ARQUIVO CSVP



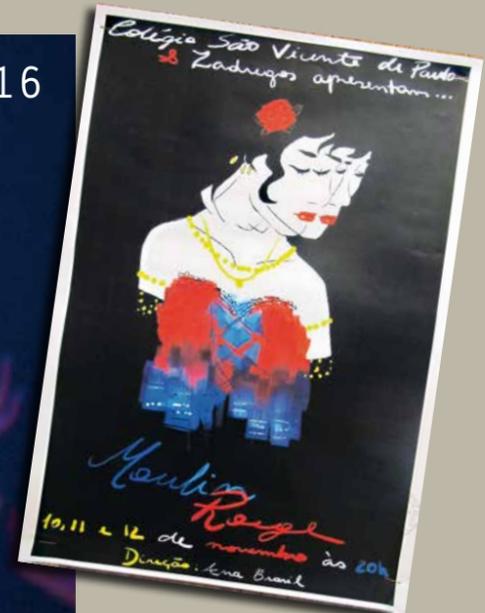
2011

FOTO KIM CAPILLE



2016

FOTO KIM CAPILLE



- 1982 - *Nossa Cidade*, de Thornton Wilder
- 1987 - Almir Telles com o elenco de *Brasil Nunca Mais*
- 1990 - Cartaz de *Macbeth*, de Shakespeare, também com o Grupo Calabouço
- 1999 - *Liberta Quae Sera Tamen*
- 2009 - *Grande Circo Místico*, de Naum Alves de Souza com trilha sonora de Chico Buarque e Edu Lobo
- 2011 - *Aurora da Minha Vida*, de Naum Alves de Souza
- 2016 - *Moulin Rouge*



ERNESTO PICCOLO E O PALCO SOCIAL

O ator e diretor que foi Aluno do CSVP conta sua experiência na ONG que por 18 anos trabalhou na inclusão social a partir das Artes Cênicas



A esquerda, turma do Palco Social. Acima, no Tablado, com o diretor Damião, em *Capitães da Areia* e com o ator Pedro Baião, em 2015, na peça *Broncadequê*

Quando em 1973 o então garoto Ernesto Piccolo entrava no Colégio São Vicente de Paulo, ainda não tinha noção da arte que exerceria o resto da vida. Isso porque aos onze anos de idade ainda não havia feito sua primeira aula de teatro. Foi cerca de um ano depois de sua entrada no colégio que sua colega de classe, Branca Camargo, o convidou para conhecer o Tablado. Daí para frente a paixão pelo teatro foi tão grande que o tomava dias seguidos nas épocas de apresentação, o impedindo de viajar nas férias ou fazer quaisquer outras atividades.

“Eu saía do Colégio e ficava ensaiando quase até a hora de dormir. Em época de apresentação eu chegava a dormir no Tablado para acordar cedo e continuar ensaiando”, lembra.

E como a dedicação faz o mestre, aos quinze anos a diretora e escritora Maria Clara Machado, percebendo seu talento, o convidou para trabalhar em uma peça sua. Foi o início de uma amizade que vai fazer quarenta anos. Aos 18 foi convidado a participar de sua primeira novela, e desde então já foram mais de 20 atuações em novelas, além de longa-metragens brasileiros.

Mas para além de sua vida profissional como ator e diretor, Ernesto nunca deixou de sentir grande preocupação social, fomentada tanto pelo trabalho de sua mãe na Pastoral de Favelas quanto pelas visitas que o Colégio São Vicente promovia aos domingos em orfanatos e creches. Foi a partir desses sentimentos que surgiu a semente do que mais tarde viria a se tornar o trabalho com o Palco Social.

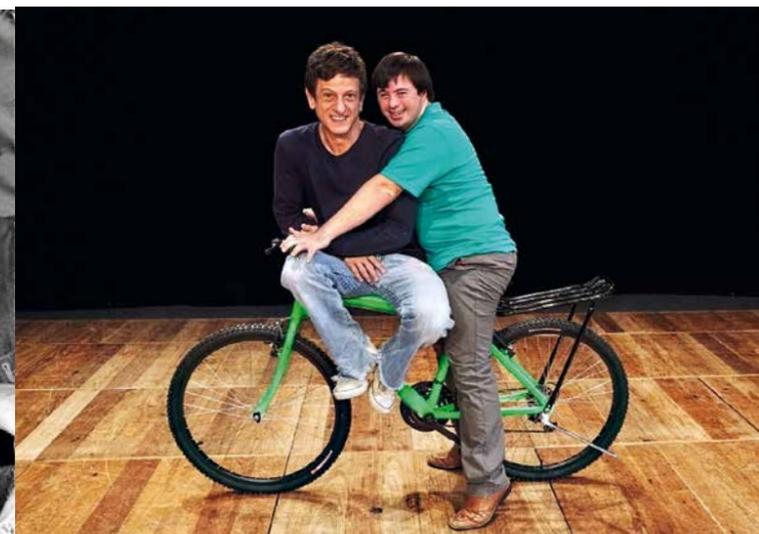
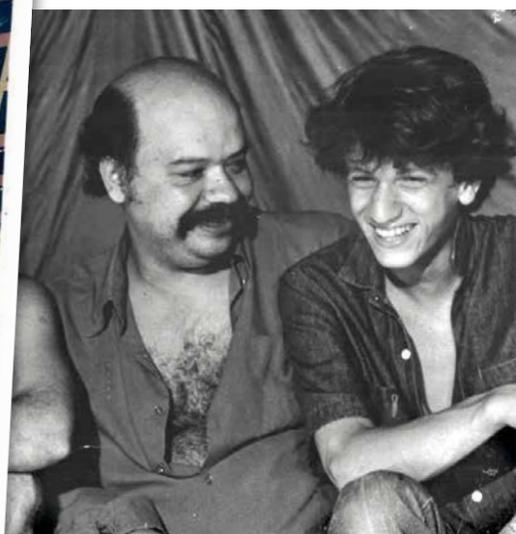
“O São Vicente sempre teve um lado político muito legal, ainda criança a gente já fazia chapa, participava do Grêmio, surgiam as lideranças. Fui de vários Grêmios, representante de turma, e aprendi muito com essas experiências. Além disso, as visitas aos orfanatos sempre me tocaram muito. Nós contávamos histórias para as crianças e apresentávamos peças infantis, passávamos a manhã e a tarde inteiras naquele contato que era tão rico para a gente. O exemplo da minha mãe também, o trabalho de base que ela fazia com as populações que naquela época sofriam com as remoções,

as reivindicações todas que aconteciam de usucapião e diversos direitos me marcaram muito e eu sentia que tinha uma missão mesmo com o teatro, o que de fato acabou se concretizando”.

O Palco Social

Tudo começou quando, aos 24 anos, Ernesto dava aulas de teatro na Universidade Cândido Mendes e junto com seu parceiro Rogério Blat resolveram fazer um projeto sobre o funk. Havia 20 alunos pagantes, mas foram 40 os que pediram bolsas para fazer o curso, dentre eles o flanelinha que trabalhava na rua e o office-boy da própria Cândido Mendes, que depois acabou se tornando bailarino. Foram vários os convidados do mundo do funk para as oficinas, inclusive o DJ Malboro, e ao final do ano, quando a peça “Funk-se!” ficou pronta, estava praticamente formado o Palco Social.

Embora ainda não usassem esse nome, a estrutura de oficinas de criação de teatro foi a que posteriormente foi utilizada na



ONG, englobando diversas áreas: atuação, contrarregra, figurino, cenografia, texto, dentre outras. Como na Cândido Mendes não havia espaço para tanta gente, o grupo passou a trabalhar, finalizada a primeira peça, no Centro Calouste Gulbenkian, onde ficaram por oito anos. De lá, mudanças na política de cultura os fizeram passar dois anos no Teatro Ziembinski e posteriormente quatro no Teatro Glauce Rocha.

Sempre escolhendo para as peças temas ligados à cidadania, a ONG optou por adotar uma metodologia democrática e inclusiva: cada um contava sua história sobre o tema do ano e os exercícios e improvisações eram feitos em cima dessas histórias. Os temas abrangiam desde as lides do cotidiano, os preconceitos sofridos e a convivência com as diferenças até o dinheiro e a saúde, além de temas históricos, como a Praça Onze.

Trabalhando sempre gratuitamente no projeto, Ernesto lembra que chegaram a ter 300 adultos e 80 crianças criando e encenando juntos na ONG. Passaram por lá os atores Darlan Cunha e Carla Cristina, além do autor Rômulo Rodrigues, do musical “Andança - Beth Carvalho, o musical”. Formaram-se cenógrafos, figurinistas, atores e contrarregas ao longo das 23 peças feitas pelo Palco Social, além de professores e produtores que com o fim da ONG, em 2011, iniciaram outros projetos a partir de sua experiência como ex-alunos. Hoje, as sementes geradas pelo Palco Social podem ser encontradas em diversos pontos do Rio de Janeiro, em trabalhos que proporcionam a inclusão de jovens e adultos em comunidades.

Vencedor do Prêmio Coca-Cola de Teatro Jovem, em 1996, na categoria especial, pelo conjunto de trabalhos das Oficinas de Criação de Espetáculo, e com outras oito indicações a diferentes premiações ao longo de sua carreira, Piccolo considera que seu maior prêmio é ver que seu amor pela dramaturgia gerou boas sementes que hoje crescem pelo mundo.

“É emocionante ver que o trabalho que a gente começou despreziosamente há tantos anos acabou gerando tantos frutos, pessoas que hoje trabalham com o teatro e até na televisão. Só sei que a gente tem que acreditar no que faz. Tem uma frase do Bob Dylan que diz que o homem é um sucesso quando ele levanta de manhã e vai dormir à noite, e nesse meio tempo ele fez o que gosta. Para mim esse é o segredo: não adianta a gente ficar vivendo os sonhos dos outros, se você faz o que ama, isso já é a maior realização profissional de todas”, acredita.

FOTOS VENCEDORAS

III CONCURSO FOTOGRAFICO PE. LAURO PALÚ

ENSINO FUNDAMENTAL 1

1º VALENTINA RIBEIRO BASTOS MOLETTA T.503



2º GIULIA CASTRO TORRESSAN T.302

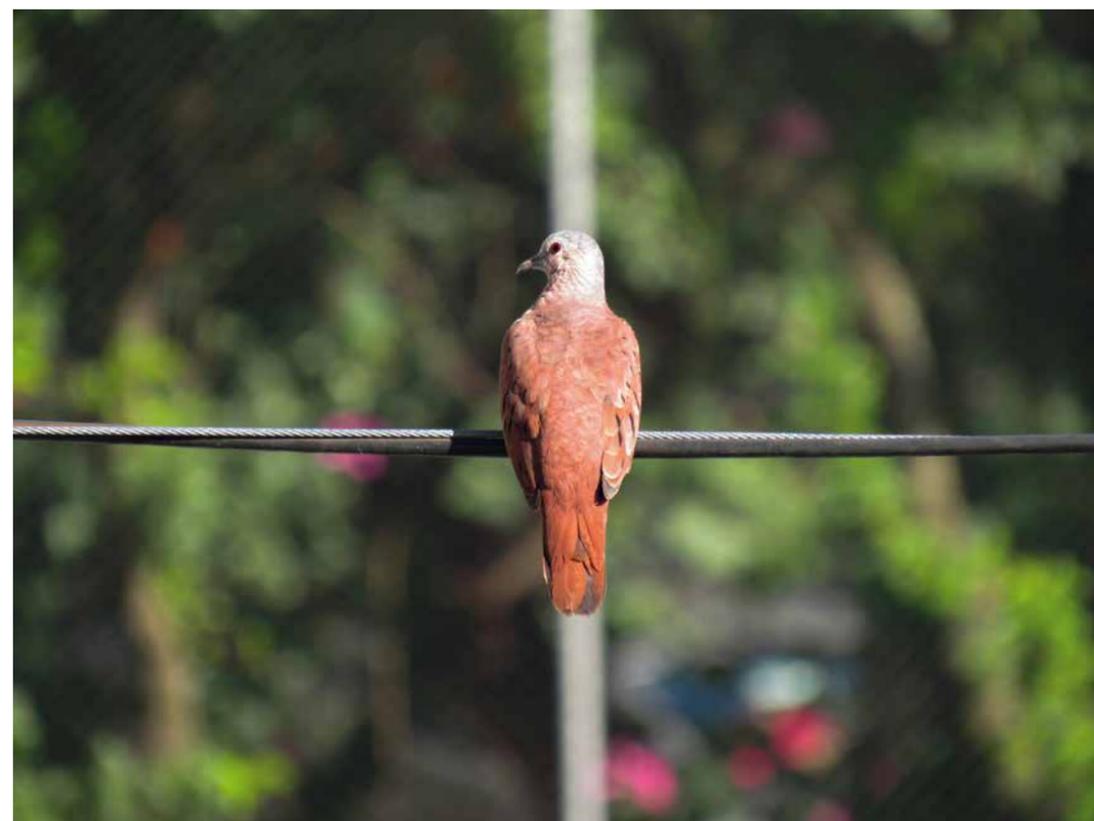


3º VICENTE PENDILHE ALVIM T.502



ENSINO FUNDAMENTAL 2

1º TIAGO DE SOUZA MENEZES T.902



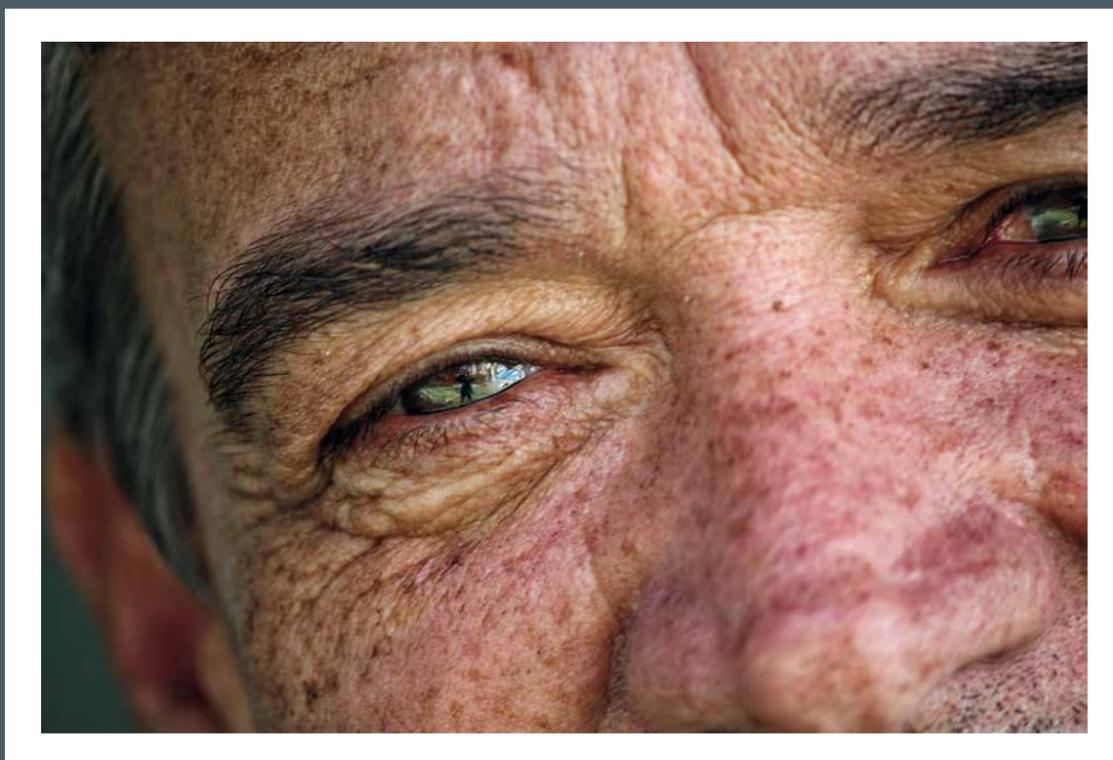
2º NINA MACHADO FORTES T.902



3º CLARA FERNANDES FILGUEIRAS T.602



ENSINO MÉDIO



EJA

No dia 25 de setembro aconteceu a premiação do III Concurso Fotográfico “Padre Lauro Palú”, da Associação de Pais e Mestres. Foram muitos participantes divididos em quatro faixas etárias: Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos – EJA.

As fotos inscritas seguiram um dos três temas propostos: *Vida no Colégio São Vicente de Paulo* - fotografias sobre os frequentadores da escola incluindo Alunos, Professores e Funcionários em seus mais variados ambientes; *Natureza e Arquitetura* - fotografias da fauna e flora do Colégio e das construções em geral; e *Educação, Ciência e Tecnologia* - fotografias relacionadas ao ensino (salas de aula, biblioteca, sala de leitura e objetos) e às pesquisas (laboratórios, equipamentos e objetos).

Os primeiro, segundo e terceiro colocados em cada categoria receberam vales-presente da Saraiva e a foto vencedora escolhida pelo júri popular foi premiada com uma Câmera Digital Nikon Coolpix L820. Com muitas fotos boas inscritas, foi difícil selecionar os vencedores.

Infelizmente, muitas fotos foram enviadas em baixa qualidade, o que impediu a reprodução em tamanho grande na revista. Para a próxima edição, a APM pede aos participantes para enviarem suas fotos em alta qualidade, para que possamos reproduzi-las para todos.

1º PATRÍCIA DA SILVA ALVES . CICLO 2 FUNDAMENTAL 1



2º MARCOS ANTONIO SOARES. FUNDAMENTAL.FASE 7



3º ALISON VICENTE DE SOUZA CICLO 2.FUNDAMENTALI



2º JULIA EBEL LOPES T.2D

3º CLARICE DE MORAES BRITO T.2B

JÚRI POPULAR



SIMPLICIDADE, O CAMINHO PARA UMA EDUCAÇÃO AUTÊNTICA

*Primeira das 5 virtudes
vicentinas*

Em seu Projeto Político-Pedagógico atualizado, o Colégio São Vicente de Paulo afirma ter por finalidade primeira cuidar da preservação da dimensão humana nos membros de sua Comunidade Educativa e, através da educação escolar, colaborar com a formação de amantes da verdade, que deixam transparecer em si mesmos e na relação com os outros a virtude vicentina da simplicidade. Inaugurando uma série de matérias sobre as Cinco Virtudes Vicentinas aplicadas ao contexto educacional, a revista *A Chama* começa por investigar neste número o que é a prática da simplicidade dentro do Colégio, na relação Educadores-Educandos.

Virtude favorita de São Vicente de Paulo, a simplicidade, para o santo, consistia antes de tudo em dizer a verdade, sem dissimular nem ocultar nada. Instando em seus escritos aos seus irmãos e irmãs da Congregação da Missão e das Filhas da Caridade a evitar qualquer tipo de duplicidade, astúcia e frases de duplo sentido, São Vicente lembrava-os a todos de que “onde há simplicidade, ali está Deus”.

Mas em uma sociedade que venera todo comportamento astucioso e malicioso, louvando o “jeitinho” e a esperteza, a prática da simplicidade parece estar em falta, e se afigura como sumamente necessária, hoje mais do que nunca, ao bom viver e à reconstrução da confiança nas relações. Nesse sentido, relata Nina Vernes, a Coordenadora Acadêmica do Colégio:

“Tem a Escola como finalidade de socializar o Aluno para uma convivência saudável com os outros. Essa convivência precisa ser pautada pela confiança, pela transparência, pela verdade. A aprendizagem dessa forma de viver deve ser feita no contexto educacional, no qual se acentuam muitas práticas e formas de comportamento que são construtivas da vida vivida com simplicidade, uma das construções de maior excelência do ser humano.”

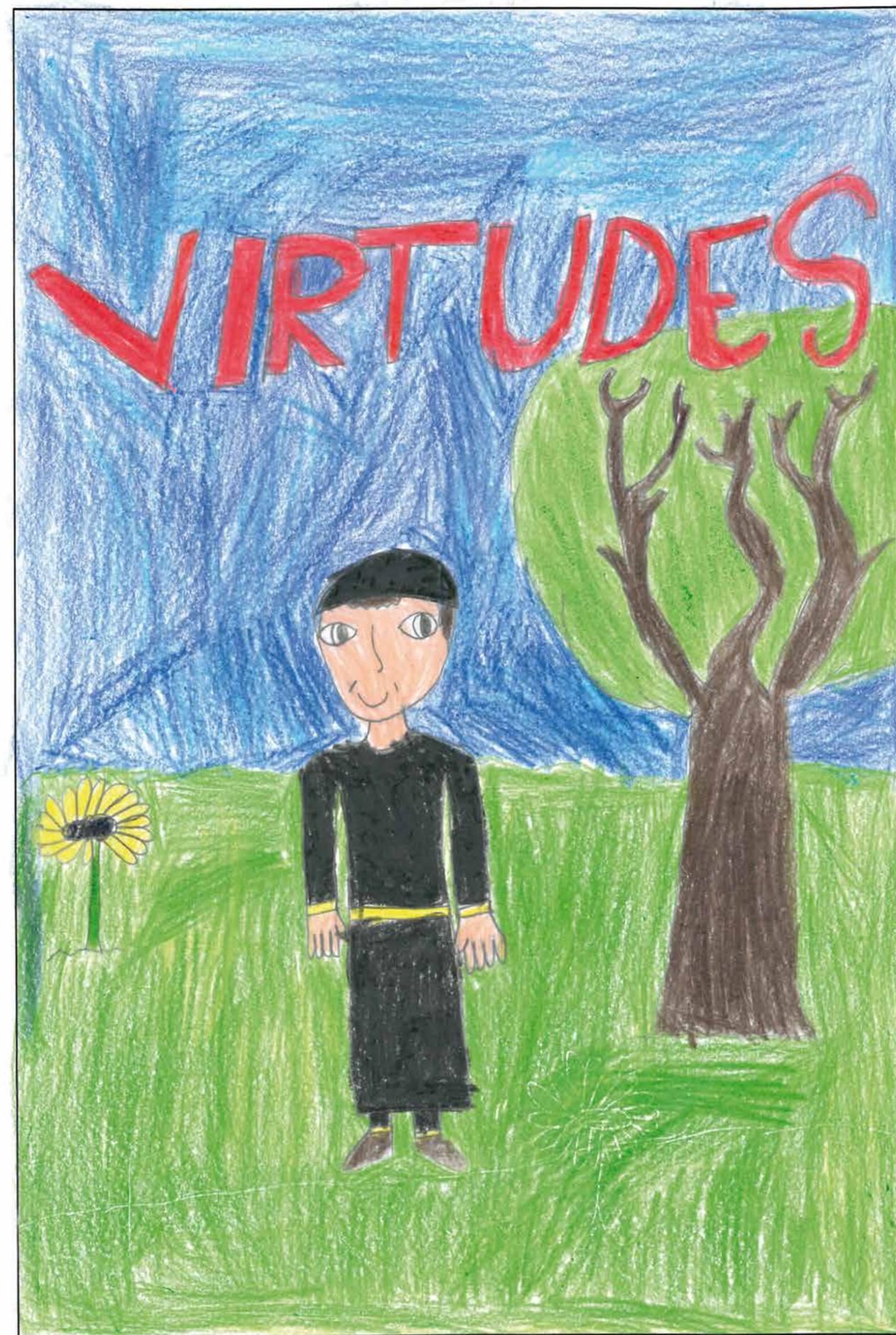
Talvez esse devesse ser, afinal, o papel de qualquer Colégio: acentuar as práticas e comportamentos que ajudem seus Alunos a transformar a sociedade, de modo que ela possa desenvolver-se pautada em valores que conduzirão a todos à felicidade comum. Mas é especialmente esse o papel de um Colégio que tem como meta a formação de agentes de transformação social. Para o Professor de História do Ensino Médio, Wagner Pinto, a prática da virtude da simplicidade é o que mantém os Educadores na busca dessa meta, já que, segundo ele, os Alunos só poderão entender o real significado dos ideais vicentinos e incorporá-los às suas vidas se conseguirem ver sinceridade tanto nas palavras quanto nas ações de seus educadores.

Ele lembra que as crianças e adolescentes buscam em seus Educadores exemplos e lições que vão muito além dos conhecimentos oferecidos pelas disciplinas. “Eles buscam em nós a coerência entre o que pregamos e o que vivemos. Querem ver em nós se é realmente possível basear a vida em valores e princípios e não somente em interesses individuais. É papel de todo Educador e, sobretudo, é nosso papel, como Educadores Vicentinos, mostrar de forma sincera e transparente os valores em que fundamentamos a nossa vida, valores opostos aos que são venerados por tantos na sociedade em que vivemos.”

E não é apenas por dever moral ou institucional que se deve ser simples. As Professoras regentes do 3º ano do Ensino Fundamental Ana Cristina Barbosa e Maria Cristina Cravo complementam: “A simplicidade sempre renderá bons frutos. Ela é a base para a vida com dignidade, imbuída de valores morais, visão crítica e transformação social.”

Como disse de forma tão simples a Professora de Matemática do Ensino Fundamental II, Maria Concetta: “Ah, esses Alunos! Não tem como enganá-los. Ou o Professor é claro e transparente, acredita e fala o que sente, ou não consegue conviver com eles.”

E era isso mesmo o que defendia São Vicente: a simplicidade ajuda nos relacionamentos, até porque, nas palavras do santo, todos gostam de pessoas simples.





CELEBRANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

A manhã literária do dia 5 de novembro contou com o lançamento do livro “Poesias de Fadas”, com textos e ilustrações dos Alunos do 6º ano, trabalhados nas aulas de Língua Portuguesa e Artes, com as Professoras Fernanda Gerbis e Débora Montana. Os Alunos da Professora de Teatro Joana Cabral apresentaram duas peças: “Fernando Pessoa, O menino da sua mãe” (6º ano) e “Crônicas em cena” (7º ano). Os Alunos do 7º ano também fizeram uma exposição de memes inspirados no livro “Os Meninos da Rua Paulo: fragmentos meméticos de uma narrativa clássica”, projeto dos Professores André Mucci, de Língua Portuguesa, e Débora Linhares, de PLIPT.

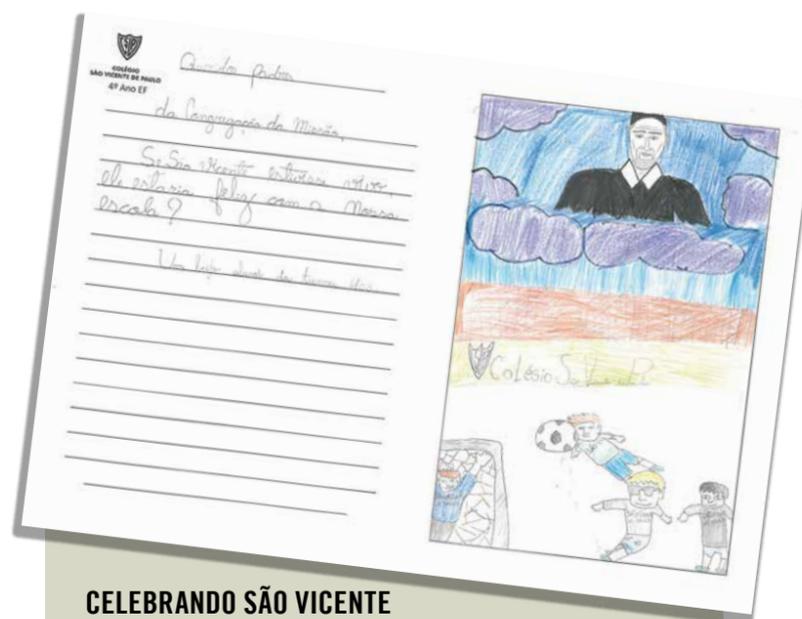
FOTO: SÉRGIO CARNEIRO

CINECLUBE: QUEM MATOU ELOÁ?

Alunos do Ensino Médio e da EJA se reuniram no auditório para mais uma sessão do já querido cineclub, no dia 21 de setembro. Dessa vez, o tema proposto pela Professora de Sociologia Valéria Baptista foi o feminicídio, um tipo de crime infelizmente muito presente no Brasil. O premiado filme “Quem matou Eloá?”, documentário sobre um caso real de feminicídio acontecido em 2008, foi a base para as discussões. Analisando os motivos pelo qual o país é hoje o quinto colocado no ranking dos países que mais matam mulheres, Valéria e os Alunos discutiram temas como a discriminação, a opressão e a desigualdade de gêneros.



ARQUIVO: CSVP



CELEBRANDO SÃO VICENTE

No dia 27 de setembro a Comunidade Vicentina se reuniu para celebrar o dia do nosso patrono das obras de caridade. O 4º ano do Ensino Fundamental fez um trabalho a partir do contato com o livro Querido Papa Francisco, no qual nosso Sumo Pontífice responde a perguntas enviadas por cartas por crianças do mundo inteiro. Inspirados pelo livro, Alunos e Alunas escreveram cartas aos membros da Congregação da Missão, nas quais fizeram perguntas como: “São Vicente deixou muitos ensinamentos, qual o ensinamento mais importante para o senhor?”; “Como São Vicente de Paulo se tornou santo? É possível se tornar santo hoje?”; “O que são as virtudes vicentinas e como podemos vivê-las no dia a dia?”. As perguntas e as respostas dos Padres, bem como os desenhos que os Alunos fizeram para ilustrar suas cartas, foram compilados pela Professora de Religião Beatriz Sá e vão virar livro. Vamos aguardar!



ARQUIVO: CSVP

SIMULAÇÕES SÃO VICENTE

Há seis anos que as Simulações São Vicente vêm crescendo dentro do Colégio. O modelo, inspirado em reuniões da Organização das Nações Unidas, ganha força a cada ano também no país, e os Alunos e Alunas do CSVP não ficam de fora. No 13º Modelo Intercolegial de Relações Internacionais (MIRIN), que aconteceu em agosto, o Colégio foi representado pela maior delegação de sua história: foram 23 delegados, sete deles premiados. Já no Americas Model United Nations, o primeiro modelo da América Latina, que este ano completou sua 19ª edição em Brasília, o São Vicente foi representado por Alunos e Alunas que defenderam as delegações da França e da Grécia no Conselho de Segurança e no Comitê Social, Humanitário e Cultural. Na 14ª edição da ONU Jr. e no 18º SiONU, os estudantes do São Vicente também estavam presentes e foram extremamente elogiados. Parabéns a todos que estão ajudando a construir a história dos Modelos Internacionais no Colégio e no país!

IV SEMINÁRIO JUVENTUDE E INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Entre os dias 17 e 21 de outubro aconteceu o IV Seminário Juventude e Iniciação Científica no Campus da Fiocruz, em Manguinhos. O principal objetivo do Programa de Vocação Científica, mais conhecido como PROVOC, é testar a vocação de Alunos do Ensino Médio para a área da pesquisa, colocando-os em contato com pesquisadores diretamente em seus laboratórios. As Orientadoras Educacionais Patrícia Rubim e Maria Clara Borges, juntamente ao Professor do Laboratório de Biologia Rafael Szabó, representaram o Colégio no evento, reforçando uma parceria de 26 anos entre o São Vicente e a Fiocruz. Nos seminários foram debatidos a importância do estímulo à pesquisa e ao contato com a comunidade científica, bem como os ganhos de autonomia, raciocínio lógico e o amadurecimento que os Alunos e Alunas que participam do programa têm. Para a felicidade dos vicentinos, duas ex-Alunas do Colégio participaram da mesa como profissionais atuantes: Mariana Rietmann, médica, e Gabriela Costa Chaves, farmacêutica. Nas palavras de Patrícia Rubim: Parabéns meninas! Vocês fizeram e fazem a diferença!



ARQUIVO: CSVP

À esquerda na mesa, o Professor Rafael Szabó e Maria Clara Borges

FORMANDOS 2016



ALICE GOUDOURIS DO LAGO
AMANDA CABRAL PAGLIARO
ANA HERMETO KUBRUSLY
ANDRÉ CENTENO DE REZENDE
BEATRIZ TABAJARA VENDAS RODRIGUES
BERNARDO RODRIGUES DUTRA
BRUNA ARANHA MENDES DE MORAES
CAIO PALMEIRO CYSNE PEREIRA
DIANA CORRÊA VIDAL LEITE RIBEIRO
ENZO WANICK FILIPPO
FLAVIA BOUCH ZAGURY
GABRIEL ADNET COSTA MICHEL
GABRIELA TORRES DE OLIVEIRA
GIULIA NEIVA ARMENTANO
GUSTAVO GOULART GOMES
HELENA BÄRSTED YOUNG
HENRIQUE MELO ZVEITER
JOÃO SANTOS KLEIN ROSSI
JOÃO VICTOR EGÍDIO FARINHA
JULIANA LACERDA PYRHO
LEONARDO GUIMARÃES TERRA
LUCAS NOCITO FALCÃO LOPES
LUIZA BRACK BUNGNER
LUIZ GUILHERME GUILHON DE ARAÚJO PÉRISSÉ
MARIA DINIZ SCARPA
MARIA LOPES SACCOCCIO
MARIANA MARÇAL FERREIRA
MARINA BRANDÃO DE BARROS PEREIRA
PEDRO GONÇALVES FERREIRA
RAFAEL GADAS PACHECO DE MORAES
RENAN DE MATTOS GUERRA
SOFIA FERREIRA RABELO DE CARVALHO



ANA CAROLINA ALVAREZ BAPTISTA RIBEIRO
ANA CAROLINA B. DE SOUZA MOURA CAÑAS LARA
ARTHUR ALBANO RIBEIRO
BARBARA PEREZ
BEATRIZ DO AMARAL PEIXOTO BARCELOS
CAROLINA PEDREIRA DE CERQUEIRA COSTA
EDUARDA CABRAL BRAGA DA COSTA
FERNANDA GONÇALVES JUNQUEIRA DIAS
GABRIEL CORRÊA BARBOSA BRUN FAUSTO
GABRIELA COX MAYALL
GIOVANNA DE CASTRO PARADELA
GUILHERME VILLAS BOAS GABRIEL
HELENA RIBEIRO NOVAES
ISABELLA FURTADO MELO MAUL DE CARVALHO
ISADORA WINOGRAD ROCHA DE LUNA
JAQUELINE CORREIA DA SILVA
JENIFFER NASCIMENTO DE SOUZA NEVES
JOANA MARTINS MENDES BARROS
JOÃO GOUDOURIS DO LAGO
JOÃO LUIZ PESTANA MARCONDES
JOÃO MIGUEL IZECKSOHN MATTOSO DE SOUZA
JOÃO PAULO GUILHON DE ARAÚJO PÉRISSÉ
JOÃO PEDRO PINHEIRO REIS DE ATHAYDE
JULIANA GASPAR VILLA FORTE
KARINA VARELLA LUNA DE MORAIS
LANA ROMANO MOURA
LIVIA MARTINS GUIMARÃES
LUIZA SOUZA WANDERLEY
LUIZA DINIZ SCARPA
MARIA RITA MONTEIRO MORICONI
THAINÁ SANTOS VITAL



ANA LUISA ARAUJO DE SOUZA
ANA LUIZA MARTINS FERREIRA ROCHA
ANNA ELIZABETH BARRÓS DA SILVA
BERNARDO AGRELOS DOS SANTOS
BERNARDO VIEIRA SANTOS
CECILIA PERES MONTEIRO
DANILO DAMIÃO DE AGUIAR
DIOGO SANTOS DE AMORIM
EDUARDO GONÇALVES MARTINS
FABRÍCIO GUIMARÃES DE MOURA
FERNANDA SANTOS CHAZAN
GABRIEL DE OLIVEIRA SOARES SABATINI
GABRIELLA ARAUJO TUKTA
GIOVANNA EGÍDIO FRANKLIN
IVO MINEIRO TEIXEIRA
JOANA IOZZI GARCIA
JOANA PERES TOSTES DOS SANTOS
JULIANA FLORES VAZ FIGUEIREDO
LÉO LEVY CARNEIRO DA CUNHA SALERNO
LETICIA AMORIM ROMANHOLLI
LETICIA NOVAES BARBOSA DA FONSECA
LIANA EBBRES TENENBLAT
LUCAS BONATO MOSMANN
LUCAS DE SOUZA MENEZES
LUIZ BATISTA TAN
LUIZA JANNUZZI FRAGA PINHEIRO
MARCELA PEIXOTO DE SOUZA ALMEIDA
MARIANA CAMPELLO DO RÉGO VALENÇA
MATEUS DOS SANTOS MARTINS
NATALIA SOUZA DE ARAUJO
NATASHA FERREIRA PASSOS FEIJÓ
PEDRO ANTÔNIO GUIMARÃES NOTAROBERTO BARBOSA
PEDRO GATEIRA LAVADINHO DIAS
ROSA MARINA FERRAZ PARREIRAS HORTA
VICTOR GOMES NOGUEIRA

a chama PUBLICOU HÁ... 38 ANOS

Em 1978 a situação dos hospitais públicos no país não era muito diferente da de hoje: a falta de verbas gerava filas imensas, ausência de leitos, de remédios e de médicos. O recém criado Departamento de Teatro do CSVP, alinhado desde a sua origem com a vanguarda do pensamento crítico brasileiro, resolveu então descer do 4º andar e ir para o pátio no meio do recreio. Encenaram ali um paciente que morria sem assistência de médicos ou enfermeiros em meio à euforia e aos gritos de gol da Copa do Mundo. Enquanto isso, a polícia reprimia os que se manifestavam. A ideia do Teatro Relâmpago era conscientizar as pessoas sobre a situação do Brasil.

O teatro desce ao pátio



1.ª peça relâmpago

O Teatro como forma de expressão, vem de longa data, passando por várias formas de sociedades, sofrendo ingerência destas e continuando crescendo destas contribuições. Do teatro grego onde se buscava levar o assistente à catarse, à emoção, ao teatro clássico formal revestido de pompa, pouca diferença houve. Com BERTOLT BRECHT porém houve o primeiro corte, no qual se propunha trazer os problemas sociais para o palco, tentar que esse refletisse a realidade, sem fantasias nem pompa, enfim que o assistente refletisse criticamente sobre o que via, buscava-se despertar a conscientização e não a emoção. Hoje, passando pelo "Teatro Pobre" de Grotowski, propõe-se uma não compartimentação entre os atores e expectadores, um teatro no meio do povo, que crie situações estimulando a todos participarem, a "fazerem o teatro". Como exemplo disso temos o teatro "coringa" do Boal.

O Teatro inserido no meio estudantil tem uma tradição no Brasil, a do CPC da UNE, quando havia uma tentativa de um projeto cultural com que os estudantes pudessem se posicionar na sociedade. Essa experiência foi interrompida bruscamente e hoje finalmente já começam a despontar outras experiências. O Colégio S. Vicente realiza uma: a do TEATRO RELÂMPAGO.

O Teatro Relâmpago veio com a estrutura do Departamento de Teatro, o qual sentia a necessidade de romper com o isolamento do Teatro no quarto andar, no palco, restrito a um grupo que pesquisava, trabalhava o texto e levava a cena. "É certo que esta forma de Teatro no 4º andar é válida" argumentam Velho (3º) e Nelson (2º) do grupo de Teatro Relâmpago, "porém ela não é a única instância e para por não estar constantemente presente nos alunos, levando seus problemas do dia a dia, indo para onde os alunos estão, o teatro precisa descer do quarto ao pátio e o Teatro Relâmpago faz isto". Como se dá na prática o Teatro Relâmpago?

Estamos na hora do recreio, o pátio repleto; o pessoal conversando, é junho e só se fala na Copa. De repente, não mais que de repente, entra em cena, em maca, um sujeito todo "ensanguentado", ladeado por "médicos", "enfermeiros" e um "locutor de rádio" que narra no exaltado estilo "Jorge Cury" uma peleja do Brasil.

Nesse instante monta-se no centro do pátio, a cena de um hospital. O locutor segue sua narração, a que os médicos e enfermeiros acompanhavam vivamente, enquanto o doente debate-se em agonia. A essa altura o pátio está cercado de alunos, de curiosos funcionários e professores. Todos atentos, alguns riem, outros, entrando no teatro vivo protestam contra o descuido da parte dos médicos para com o paciente agonizante. Logo surge a "polícia", devidamente armada de cacetetes e passa a reprimir duramente todos os mais próximos da cena.

A dinâmica da cena é marcada pelo ritmo da narração do locutor, que vai num crescendo até atingir ao ápice com o frenético berro "GOOOOL", ao qual médicos, enfermeiros, polícia, participam numa também frenética alegria. Ao mesmo tempo que isso ocorre o agonizante em sucessivas convulsões, exala seu último suspiro. Depois disso mudez total. Os "médicos", "enfermeiros" abrem caminho por meio da multidão levando o cadáver, acompanhado pela "polícia" que vai abrindo espaço, na base do cacetete até desaparecerem do mesmo modo como chegaram.

A roda ainda está aberta, em volta os alunos permanecem atônitos. No meio dela está um participante da peça, o único que ficou, com um papel na mão, então ele passa a lê-lo em voz alta; é uma denúncia das péssimas condições dos nossos hospitais públicos,

onde morrem pessoas aos turbulhões. Fala dos acidentes de trabalho, da falta de segurança por parte das empresas, quando termina vem a chuva de palmas, enquanto ele também sai de cena. O sinal do recreio bate. Todos sobem para aula discutindo o fato.

"O Teatro não é um bicho de sete cabeças" diz Nelson (2º), a nossa primeira apresentação despertou nas pessoas interesse. Tanto que nas demais, cresceu o número de participantes, assim também como nas reuniões do Departamento de Teatro.

O grupo de teatro apresentou uma peça relâmpago, uma rádio novela no pátio, onde encenou peça de Mário de Andrade, de conteúdo crítico à sociedade, aos costumes; e também uma rádio novela que foi uma criação — coletiva criticando ironicamente os "sanguinolentos" programas de rádio, tipo "Cidade contra o Crime".

A importância desta experiência no S. Vicente é fundamental, surtindo efeito nas turmas. Onde uma já está com o projeto de encenar "O Cortiço", livro da cadeira de Português.

A experiência será cada vez mais produtiva na medida que leva o aluno não só a refletir sobre os problemas colocados, mas também a se enquadrar nas situações dando-lhes subsídios para transformá-las. Só assim estamos marchando para um Teatro Vivo.



FOTO JULIA LAUTERT | 1º LUGAR EF2 NO 2º CONCURSO DE FOTOGRAFIAS PE. LAURO PALÚ

Apoie o Projeto **Camisas do Bem**

Em 2017 as camisas do uniforme continuam sendo vendidas na sala da Associação de Pais e Mestres

O valor apurado será revertido para custear uniformes e material escolar para os Alunos com bolsa integral no Colégio.

As camisas podem ser adquiridas às segundas, quartas e sextas-feiras, de 10 às 14h.



PROJETO CAMISAS DO BEM



Associação de Pais e Mestres
Colégio São Vicente de Paulo - CSVP